

## O CASO ANGOLA E METROPOLE - BANCO DE PORTUGAL

# "A BATALHA" FOI PROCESSADA ONZE VEZES!

**Os burlões e falsários querem levar-nos aos tribunais? Iremos! Sim, iremos não para nos defendermos, porque não concedemos à Justiça burguesa o direito de nos julgar, mas para mais uma vez e em público acusarmos todos os ladrões, revelarmos todos os crimes cujas desastrosas consequências o povo vem sofrendo. O único tribunal que nos pode julgar - o da opinião pública - perante o qual comparecemos afoitamente todos os dias, já reconheceu há muito a nossa isenção e já condenou, sem apelo, nem agravo, os maiorais da burla escandalosa!**

Em Portugal está tudo do avesso. Parece que os carros andam à frente dos bois. Empenha-se cada um em seguir o caminho oposto ao que lhe está naturalmente indicado. São os ladrões que processam os roubados; são os falsários que se insurgem contra a maioria que lógica indignação dos burlados.

A Batalha representa na imprensa portuguesa os roubados, as vítimas, os sacrificados, o povo humilde que tudo paga e suporta sobre os seus ombros derreados. Pois bem: A Batalha vem acusando há perto de três meses os maiores burlões que o país atura, os maiores falsários, os maiorais da política e da finança que vêm corrompendo, arruinando, devasando uma nação que, pelas suas riquezas naturais, melhores recursos de vida e de progresso poderia ter.

E sabem os leitores o que aconteceu? Os ladrões processaram os roubados. Sim os roubados, porque A Batalha é o porta-voz dos roubados.

Podem todas as criaturas honestas deste país, que vêm acompanhando-nos desde a primeira hora neste combate sem tréguas à finança, a pelintra finança que, embora não tenha um centavo para empregar numa obra útil, encontra sempre meio de engordar os chefes, podem todas as pessoas honestas deste país, que são muitas, que são todas as que trabalham inglória, sob o jugo do capitalismo, para granger uma magra cédula insuficiente, considerar-se perseguidas pelos falsários da finança e da política!

### A Verdade chamada aos tribunais?

Correm neste momento na Boa Hora onze processos contra A Batalha. Onze dos muitos artigos que temos escrito de rude ataque ao crime e à burla foram querelados. O crime indignado contra a voz rebelde da honestidade, que não se vende, que não abuca, que não transige, que não se acanha, pretende metê-la na cadeia!

Mas a voz da Verdade não se pode enclausurar.

O Roubo, não podendo suportar a honestidade que o acusa, quere castigá-la, levando-a aos tribunais!

Mas a honestidade que não se corrompe erguida ao alto desta tribuna, não tem tampouco a má catastrada dos juízes.

Ela sabera provar que tem razão. Ela tem ao seu lado a apoiá-la um povo inteiro,

faminto, despresado, que vem assistindo revoltado à desenfreada bacanal dos chacais que disputam entre si, numa embriaguez delirante, os últimos despojos.

Não tememos as querelas. Não receamos os processos. Se formos parar à cadeia, iremos tranqüilos, cônscios do dever cumprido. Teremos então a certeza absoluta de que, numa sociedade governada por ladrões, a cadeia é o único local decente, digno, onde os homens honrados podem viver.

### Porque nos processam?

Porque nos processam? Porque desejam levar-nos aos tribunais? Porque pretendem ver-nos manietados no fundo lóbrego de uma enxovia?

Será porque reduzimos a pô a trama hedionda do cambão político-financiero?

Será porque nunca acreditámos na tão apregoada honestidade do Banco de Portugal, cujos dirigentes acusámos afoitamente de suspeitos, de implicados na grande balada das notícias de quinhentos escudos ou porque denunciámos que Rego Chaves é um ladrão? Será porque não ocultámos as irregularidades encontradas nas contas do Banco de Portugal ou porque revelámos a existência de dois vales ao Angola e Metrópole, na importância de 104 contos, redigidos e assinados por sr. Mota Gomes?

Não compreendemos porque razão houve, nesta campanha formidável contra a corrupção e o crime, onze motivos para nos quererem levar à cadeia. Não compreendemos.

Se os juízes que nos julgarem forem doceis e maleáveis aos interesses dos salaristas da política e da finança como o tem sido Alves Ferreira — que tanto simpatisava connosco... — teremos de arranjar onze corpos para expiar na cadeia a grande culpa da nossa isenção!

### Os ladrões contra os roubados

Porque nos processam afinal? Porquê tanta indignação dos ladrões contra esta promessa a que eles fingem não ligar importância?

Será porque puzemos a descoberto as ligações de patriotas portugueses com capitalistas italianos que querem absorver Angola ou porque dissemos das manobras do Alfredo da Silva em torno das docas e oficinas da Exploração do Pôrto de Lisboa?

Porque desejam condenar-nos onze vezes?

Será porque afirmámos que o Banco Ultramarino se encontra há muitos anos em falência criminosamente tolerada pelo Estado, ou porque a casa José Augusto Dias & Filhos roubou, servindo-se da cumplicidade do tesoureiro Lupi, 19.000 contos do Banco Portugal?

Será porque revelámos que a casa Piano, em estado periclitante, também não pode pagar os 6.000 contos que lá tem do Banco de Portugal ou porque fizemos em pratos limpos as rivalidades existentes entre o Alfredo da Silva e a Companhia do Amboim?

Porque será?

### Estamos firmes no nosso posto

Arrangem os pretextos que quiserem, nós não arredaremos pé do terreno que pisamos — que é o terreno da Verdade. Temos — podemos afirmá-lo orgulhosamente — toda a parte sã e honesta do país a nosso lado. Ela não nos livrará da cadeia, mas premar-nos-há com o seu apoio moral, muito mais valioso, muito mais agradável, para quem possuir uma alma aberta às altas concepções de beleza e de perfeição social, do que o dinheiro, o miserável dinheiro que os jornais adversos e venais ambicionam e procuram.

Querem processar-nos? Está bem! Mas terão que ouvir cada vez mais violentas e cruéis as verdades que esmagam, as verdades que queimam, as verdades que purificam.

Querem meter-nos na prisão? Está bem! O Crime tem a justiça burguesa a seu lado e joga-a contra os que se rebelam e desejam o triunfo da Verdade. Mas essa justiça injusta, instrumento de vingança nas mãos dos ladrões e dos falsários que tomaram conta do país, não serve para julgar consciências como as nossas que estão fora e acima das leis que protegem os ladrões contra os roubados, os burlões contra os burlados, os criminosos contra os inocentes.

Há apenas um tribunal que nos julga: o da opinião pública. E perante esse aparecemos, dia a dia, de cabeça erguida e franco olhar, sem receio da sua condenação.

Os maiores burlões, os nossos inimigos, os que nos quereram, esses, julgados pelo tribunal da opinião popular, há muito que foram condenados, sem apelo, nem agravo.

## OS DOIS PROBLEMAS DE MOMENTO

### O PÃO

### AS CARNES

Os dois problemas que na presente emergência mais pesam na economia do operariado são incontestavelmente o do pão e das carnes. Absolutamente insolúveis dentro de qualquer dos regimes a que têm estado sujeitos, estes dois problemas concitaram as atenções do proletariado desde os primórdios da sua organização de classe.

Especialmente sobre o primeiro desses problemas, corre impresso um notável documento em que o operariado advoga o regime de tipo único, documento que mereceu um unânime aplauso.

Todavia, a vontade do operariado nunca foi atendida e nós hoje vivemos uma situação que só aproveita à Companhia Nacional de Alimentação.

O regime actual do pão, parecendo que veio beneficiar o público, não passa de uma grosseira mistificação se o compararmos ao regime que o antecedeu. Por este existiam três tipos de pão: terceira, segunda e primeira ao preço, respectivamente, de 1\$80, 2\$20 e 2\$60 o quilo. Para que os dois primeiros tipos tivessem a venda que convinha aos industriais o pão de terceira ou pão de qualidade só faltava no mercado. Desta criminosa atitude resultava a procura do pão de segunda e de primeira o qual se vendia a bom preço.

Nos últimos dias para se adquirir uma pequena fração de carne de vaca é mister percorrer-se quase toda a cidade. Alguma que aparece custa mais um escudo, custa mais dois escudos; custa mais tantos escudos quantos dá à real gana dos senhores lavradores e marchantes.

Como falta a carne de vaca, os marchantes para abastecerem o mercado vendem milhares e milhares de cabeças de gado lanígero, o qual por sua vez também ascendeu de preço. Um quilo de carne de carneiro custa hoje mais um escudo do que custava antes deste regime de livre exportação de gado nacional de rigorosa proibição da entrada de gado argentino.

Com o regime actualmente em vigor o caso muda bastante de figura, o caso chega até a atingir o inverosímil. Há apenas dois tipos: super-fino e de primeira qualidade, ao preço em quilo de 2\$60 e 2\$00, respectivamente.

Quem superficialmente examinar o problema encontra uma vantagem para o público de \$20 em quilo. Tal, porém, não sucede com este regime-burla. O público foi prejudicado em \$40 em quilo, o público foi ainda preferido na qualidade.

Dos dois tipos existentes o público terá que preferir o mais caro para não morrer envenenado; o público terá que recorrer ao pão superfino porque não terá outro à venda, porque não encontrará outra maneira de se abastecer do indispensável alimento. Isto é claro não faltando no descarado roubo no pão.

E enquanto isto se passa, enquanto esta vergonhosa situação se mantém os membros do governo vão dizendo em notas oficiais publicadas nos jornais que os industriais de padaria terão que vender pelo preço mais baixo o pão superfino quando não tenham à venda o pão de primeira que o público procure. Tudo fictício, tudo mentira.

Aumentar o escândalo das carnes temos agora o conflito entre a Comissão de Abastecimentos de Carnes e a Federação dos Sindicatos Agrícolas do Centro de Portugal em virtude de esta última entidade, que recebia a chorada percentagem de mais quatro por cento do que qualquer outro negociante no fornecimento de gado, não respeitar o contrato que a obrigava a fornecer mensalmente 800 cabeças de gado.

Ora se tivermos em atenção que o consumo mensal é de 2400 cabeças e que a Federação Agrícola apenas fornecia desde Setembro a média de 400 cabeças por mês, temos de convir que este regime de fome só tem o condão de enriquecer os lavradores e marchantes enquanto o público morre de fome.

E esta é dolorosa síntese deste problema do pão e das carnes, que oxalá não constitua uma indigesta «sandwich» para os seus causadores.

Evidentemente que sim: são penas de morte «modernas», avatares das penas de

mortes «antigas» — tanto mais indignas, quanto mais sofistica, covarde e hipocritamente aplicadas. E nestas desfiguradas penas capitais, tem: perecido um esco de militantes operários, pelo grandioso crime de farolizados pela sublime inspiração do Romantismo dum ideal libertário, se insurgiram contra «os últimos resíduos do sistema feudal», os quais, muito ao contrário do que se asevera nos altos plenitivismos da democracia política, ainda não «extirparam das sociedades...»

Assim como a pena de morte não se aboliu, mas se modificou em algumas nações da Europa — assim igualmente não foi suprimida a escravatura, mas alterada para novos sistemas.

Então, morrer-se de fome, porquê não se é vítima de uma farandulagem política-plutocrática folga, ri, triunfa em sádicos gosos e em repugnantes crimes de usura perversa, de latrocínio legalizado pela fórmula das hordas codificadas elaboradas pelos próprios capitalistas e usurpadores, das riquezas sociais — isso não é avançar de mais.

Mas daí dizer-se que o romantismo monárquico conseguiu, definitivamente, abolir escravatura, a pena de morte, «os últimos resíduos do sistema feudal» — isso é que é avançar de mais.

Os factos demonstram-nos que algo alcançámos. Mas os factos também se encaram muito palpavelmente de nos desmentir aquela crença de que atingimos aquela altura democrática que sonhámos usofruir.

A pena de morte não desapareceu — modificou-se. E uma modificação não é, incontestavelmente, uma abolição.

E rigorosamente certo que já — enquanto — não assistimos ao hediondo espetáculo da função das fórcas, eretas sistematicamente no campo de Sant'Ana ou na explanada da torre de São Julião da Barra a «patibular» os António Cabral Calheiros Furtados de Lemos ou os Gomes Freires de Andrade — levantadas na Praça Nova e Cordoaria, e desde a Foz até Leça — voltadas para o mar — para inquisitorial exemplo dos que sentissem ânsias de se revoltar contra o terror miguelista — nem vemos os cadáveres dos conspiradores de Sant'Ana serem queimados e lançados as suas cinzas ao vento — não é menos positivamente verdade que hoje, em plena democracia republicana em que os vivas à Santa Religião e os De profundis clamavi ad te Domine, os dez mártires da Liberdade...»

Mas é exactamente certo que já não presenciamos a horrida cena das cabeças dos enferrados estarem espetadas na Praça Nova e Cordoaria, e desde a Foz até Leça — voltadas para o mar — para inquisitorial exemplo dos que sentissem ânsias de se revoltar contra o terror miguelista — nem vemos os cadáveres dos conspiradores de Sant'Ana serem queimados e lançados as suas cinzas ao vento — não é menos positivamente verdade que hoje, em plena democracia republicana em que os vivas à Santa Religião e os De profundis clamavi ad te Domine, os dez mártires da Liberdade...»

Então, morrer-se de fome, porquê não se é vítima de uma farandulagem política-plutocrática folga, ri, triunfa em sádicos gosos e em repugnantes crimes de usura perversa, de latrocínio legalizado pela fórmula das hordas codificadas elaboradas pelos próprios capitalistas e usurpadores, das riquezas sociais — isso não é avançar de mais.

Ontem como hoje — com pequena diferença...

E nem sequer, com aquela afoiteza que serve mister, se pode garantir que o espírito scintilante dos nossos génios poéticos, literários, historiadores, científicos, etc., este completamente independente da cholda corrente — porque esse espírito, na generalidade, está — malgrádous — directa ou indirectamente enfreado aos clãs, aos consórcios, às sociedades anónimas, as empresas financeiro-comercial-industrialistas que traficam o património social da humanidade inteira...

Há sim, casos esporádicos de homens de gênio, de escritores, de filósofos, de sábios, que acompanham o pensamento humano da emancipação dos povos. E' com estes, aos quais, possivelmente, se juntarão outros valores desempenhados completamente, que nós também seguiremos no Romantismo, o verdadeiro Romantismo, das ideias libertárias que nos conduzirão, finalmente, à definitiva extirpação dos «últimos resíduos do sistema feudal» com a abolição radicalista do Estado e do Capitalismo.

Então, e só então, será um facto o banimento da escravatura e da pena de morte...

C. V. S.

### A falta de espaço

A muita abundância de originalas que não publicamos ainda 'hoje o nosso tão apreciado folhetim. Pelo mesmo motivo ficam retardados muitos originais, entre eles uma comunicação importante da Associação dos Vidreiros da Marinha Grande. Esperamos que os nossos leitores e interessados resinem ante as deficiências de que não somos culpados e confiem em que, sem preterimentos, a tudo daremos publicidade.

## Confederação Geral do Trabalho

### NOTA OFICIOSA

O Comité Confederal reuniu e entre vários assuntos relativos à vida Confederal apreciou a questão respeitante à ansiada conferência dos sindicatos não confederados.

O Comité tomou conhecimento da resolução duma assemblea geral do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha, segundo a qual aquele organismo rejeitou a sua representação na citada conferência. Em face da mesma o Comité admitiu a possibilidade de os organismos nas condições daquele sindicato reingressarem na C. G. T.

Consultadas as resoluções do Congresso de Santarém o Comité verificou que pela nova redacção que o número XXI da Organização Social Sindicalista sofreu naquele Congresso, os sindicatos do pessoal de qualquer dos Arsenais poderão ingressar directamente na C. G. T., na qualidade de sindicatos regionais.

O Comité considera que esta interpretação, sujeita, por direito próprio, a ulterior discussão e sanção do Conselho Confederal, poderá contribuir para destruir a lenda adrede preparada de que foi a C. G. T. quem excluiu do seu seio aqueles organismos.

E porque este jámio foi o seu pensamento, e como por outro lado não foi aquele espírito que determinou a resolução do Congresso de Santarém quando se pronunciou sobre os sindicatos nacionais, o Comité Confederal, afirmando que uma questão de forma orgânica, sempre contingente, não colide de modo algum com a estrutura moral e ideológica da C. G. T., quer publicamente demonstrar, uma vez mais, que não tendo havido por parte deste organismo exclusões, também não

mos (?), que pensam efectuar no dia 4 do corrente, constitui uma das primeiras finalidades da obra divisionista. E' a metodologia da acção a desenvolver contra a C. G. T., contra os seus objectivos revolucionários. Uma assemblea geral ultimamente realizada soube afirmar a dignidade da classe, recusando a representação nessa Conferência. Essa altitude deve manter-se e consolidar-se. Só pode, haver duas soluções: — ou o Sindicato repele definitivamente toda a acção anti-revolucionária que há algum tempo se tem desenvolvido dentro dele e reingressa na Confederação Geral do Trabalho, juntando os seus esforços a base da mesma, ou então aceita como boa a acção divisionista colaboracionista do grupo—transformado em élite consciente e capacitada (sic)—que orienta o Sindicato, e nessas circunstâncias, só resta aos que não estiverem dispostos a servir de instrumento nas mãos de tais orientadores, saírem desse Sindicato, onde a sua acção já de nada vale.

O pedido de demissão que os corpos gerentes apresentaram não passa de humilhação. Pretendem coagir a classe a aceitar os seus caprichos sob pena de abandonarem os cargos que ocupam, apelidando-se de insubstituíveis. Só isto bastaria para fazer vibrar a dignidade dumha classe. Convencidos de que constituem uma minoria *capacitada, inteligente e culta*, não têm dúvida em enxovalhar os arsenalistas de marinha, a quem rotulam de incapazes e estúpidos. Pois bem, os estúpidos e os incapazes precisam de, neste momento, afirmar o seu carácter e a sua altitude.

E preceis que todos os arsenalistas acorram às assembleias do nosso Sindicato, vendo a sua defesa dos princípios que orientam a organização proletária representada pela Confederação Geral do Trabalho.

Torna-se necessário que termine a vergonhosa suspensão de relações com a C. G. T., há tempos aprovada por uma assembleia constituída por uma meia dúzia de sócios, e que, como claramente está demonstrado, vai contra os desejos da numerosa classe arsenalista, retomando o Sindicato a sua posição primitiva dentro dos quadros da Central Operária Portuguesa.

## Notas & Comentários

Os que roubam dentro da lei...

Sintra, a formosa vila que tão encanta os deixa os seus visitantes, está transformada, no que concerne à venda do pão, num perfeito Pinhal de Azambuja. As padarias Tavares, Santos e Marvila com um desassombro que arrepiava estão vendendo ao público cada quilo de pão apenas com 700 e 600 gramas! Na última das padarias referidas o cabô Simões, da polícia cívica, foi encontrar à venda cada quilo de pão com menos 400 gramas, como se aqueles cavaqueiros da encantadora vila estremecem tivesse dado a direito de alterarem o sistema métrico-decimal! A pesar de autodá, o padeiro fraudulento continua a vender pão roubado no pão, pouco lhe preocupa o rigor das leis ou os fiscais respectivos. E não o preocupa a existência dos fiscais porque entre estes e padeiros há valores entendidos que ainda havemos de pôr à nua.

**TIVOLI**  
Teatr. II. 5474  
A's 5 374  
Cacando feras em África  
(Segunda série)  
**O Sinal do Zorro**  
Superprodução da United Artists  
com o celeberrimo artista  
**Douglas Fairbanks**  
Pela primeira vez em Portugal  
Uma cine farça  
Uma revista mundial

A inércia e desleixo dos serviços camarários contribuiu para a crise da habitação

Convida-se a comparecerem hoje na nossa redacção, pelas 21 horas, as pessoas que nos prestaram informes para a local que com o título supra publicámos no nosso número de domingo.

**Mais um que abdica...**  
CALCUTTA, 1.—O «maharajah» Indiano abdicou, em consequência do incidente com a Inglaterra por motivo do assassinato da bailarina Begum.

**Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»**

Encontra-se já à venda o primeiro aniversário interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indissociável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

**TEATRO NACIONAL**  
Telefone N. 3042

**HOJE**  
sobe à cena a interessante comédia

**AMOR URGENTE...**

Protagonista: ESTER LEÃO  
Ensecação do professor ANTONIO PINHEIRO

## O SETIMO ANIVERSARIO

**Terminaram ontem os festejos de homenagem à "Batalha" que decorreram sempre animadíssimos**

**A banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense realizou um concerto notável**

Terminaram anteontem os festejos de homenagem à Batalha pelo seu sétimo aniversário. Decorreram sempre no meio da mais completa harmonia, não tendo havido um único motivo de contrariedade. Respirou-se sempre um ambiente de fraternidade e de solidariedade operária.

O último dia de festas, que foi domingo, trouxe à nossa sede milhares de pessoas que encheram as salas e os longos corredores do vasto edifício. Foi uma verdadeira romaria operária. A Batalha foi muito visitada, pois estavam em exposição todas as suas dependências.

A querer-se, que estes sejam animadíssimos, foi um dos maiores divertimentos.

Pode afirmar-se que a comemoração do sétimo aniversário teve o condão de aproximar a Batalha, mais ainda do que já estava, da alma popular.

### O concerto da banda da S. Instrução e Recreio Barreirense

O concerto que a banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense efectuou anteontem na nossa sede, no último dia dos festejos da Semana de A Batalha, foi notável. Regida e orientada pelo conhecido maestro e compositor Manuel Ribeiro, a quem não se tem prestado neste país a justiça que merece, o bom êxito do concerto não nos surpreendeu, porque confiávamos na competência de quem regeu e de quem executou.

Lamentamos que o salão não tivesse melhores condições acústicas. Mas a despeito deste contratempo o espetáculo foi admirável. O núcleo musical portou-se à altura dos melhores grupos musicais do país.

O programa bem organizado foi executado a primor. Executaram-se duas rapsódias do sr. Manuel Ribeiro a n.º 4 e a n.º 2. A primeira principalmente agrada-nos imenso pelo acentuado sabor popular e regional.

Há no país um manancial inexgotável de música popular que os nossos compositores em regre despresam para se entregarem ao trabalho estéril de musicar assuntos e motivos sem carácter, sem beleza, sem expressão. Bem andou Manuel Ribeiro aproveitando os motivos tão populares e característicos que incluiu na sua Rapsódia n.º 4.

A Marcha Hungária, de Berlioz, foi executada com muita expressão. O Tamháuser, a peça de maior responsabilidade de todo o programa, foi impecável. Os baixos muito bem marcados e o trabalho do cornetim que é extenuante, pela persistência, entusiasmou-nos pela segurança e pela maneira correcta como soube encher os sons.

Pode afirmar-se que a banda da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense consolidou ontem a reputação que tinha. Merecia ser apreciada mais vezes em Lisboa, em concertos sucessivos. A competência de Manuel Ribeiro quer como regente, quer como compositor ficou plena e exuberanteamente confirmada.

A Batalha honrou-se em ter aquela esplêndida banda como colaboradora das festas realizadas em sua homenagem.

**Uma surpresa agradável**

Depois do concerto da banda da S. I. e R. Barreirense, veio a Sociedade Filarmónica Alunos de Apolónia fazer-nos a agradável surpresa de comprimentar-nos, tocando em frente das nossas janelas alguns interessantes trechos musicais.

Não esquecemos ainda que foi aquela Sociedade que primeiro tocou em Lisboa o hino da Batalha. Não pôde ela, como era desejo da comissão organizadora, colaborar nos festejos em virtude de já ter compromisso a que não podia faltar. Mas não deixou de vir patenteante a sua simpatia pelo jornal dos trabalhadores vindos trazer-nos as suas felicitações dumha forma gentil, que honharamamente agradeceu.

O ferroviário Franklin Pereira saúda a Batalha como o intermitente paladino dos trabalhadores.

A U. S. O. de Évora enviou-nos uma saudação pela passagem do aniversário de A Batalha.

Afonso Mesquita, de Évora, felicitou A Batalha pelo seu aniversário.

Os componentes do Grupo Amigos da Instrução, da Moita, saúdam efusivamente o jornal A Batalha pela passagem do seu 2º aniversário.

Do Sindicato da Construção Civil de Oeiras: Saúdamos A Batalha pela passagem do seu 2º aniversário e fazemos votos para que o órgão operário ao entrar no 8º ano de publicação redobre de tiragem porque será assim um grande triunfo para a organização operária.

— Da Liga das Artes da Viação Portuense.

— A comissão administrativa deste organismo representante do pessoal assalariado da Companhia Carris de Ferro do Porto, a quantia de Esc. 100\$000, de Gregório Cai simiro Ribeiro, Sintre, 10, dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintre, 1 elegante rame, bem confeccionado, de lindas camafeias alvas, raiadas e rubras; de Carlos Gaião, Sintre, 1 precioso meia-lume, uma bilhina artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pompílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «calç» castanho

Notas dos restantes objectos e valores que foram oferecidos à Batalha e que se destinaram à sua querida.

Da Cooperativa Lisboense de Chaffeuses, a quantia de Esc. 100\$000, de Gregório Cai simiro Ribeiro, Sintre, 10, dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintre, 1 elegante rame, bem confeccionado, de lindas camafeias alvas, raiadas e rubras; de Carlos Gaião, Sintre, 1 precioso meia-lume, uma bilhina artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pompílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «calç» castanho

Notas dos restantes objectos e valores que foram oferecidos à Batalha e que se destinaram à sua querida.

Da Cooperativa Lisboense de Chaffeuses, a quantia de Esc. 100\$000, de Gregório Cai simiro Ribeiro, Sintre, 10, dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintre, 1 elegante rame, bem confeccionado, de lindas camafeias alvas, raiadas e rubras; de Carlos Gaião, Sintre, 1 precioso meia-lume, uma bilhina artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pompílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «calç» castanho

Notas dos restantes objectos e valores que foram oferecidos à Batalha e que se destinaram à sua querida.

Da Cooperativa Lisboense de Chaffeuses, a quantia de Esc. 100\$000, de Gregório Cai simiro Ribeiro, Sintre, 10, dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintre, 1 elegante rame, bem confeccionado, de lindas camafeias alvas, raiadas e rubras; de Carlos Gaião, Sintre, 1 precioso meia-lume, uma bilhina artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pompílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «calç» castanho

Notas dos restantes objectos e valores que foram oferecidos à Batalha e que se destinaram à sua querida.

Da Cooperativa Lisboense de Chaffeuses, a quantia de Esc. 100\$000, de Gregório Cai simiro Ribeiro, Sintre, 10, dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintre, 1 elegante rame, bem confeccionado, de lindas camafeias alvas, raiadas e rubras; de Carlos Gaião, Sintre, 1 precioso meia-lume, uma bilhina artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pompílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «calç» castanho

Notas dos restantes objectos e valores que foram oferecidos à Batalha e que se destinaram à sua querida.

Da Cooperativa Lisboense de Chaffeuses, a quantia de Esc. 100\$000, de Gregório Cai simiro Ribeiro, Sintre, 10, dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintre, 1 elegante rame, bem confeccionado, de lindas camafeias alvas, raiadas e rubras; de Carlos Gaião, Sintre, 1 precioso meia-lume, uma bilhina artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pompílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «calç» castanho

Notas dos restantes objectos e valores que foram oferecidos à Batalha e que se destinaram à sua querida.

Da Cooperativa Lisboense de Chaffeuses, a quantia de Esc. 100\$000, de Gregório Cai simiro Ribeiro, Sintre, 10, dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintre, 1 elegante rame, bem confeccionado, de lindas camafeias alvas, raiadas e rubras; de Carlos Gaião, Sintre, 1 precioso meia-lume, uma bilhina artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pompílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «calç» castanho

## A BATALHA

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### No Apolo

A festa de Adelina Abranches com o «Samson» de Bernstein

Adelina Abranches é das mais belas figuras do teatro português. As suas criações no género dramático são perfeitas. Adelina Abranches é o seu nome glorioso. Parece que no dia da sua festa nem um só lugar devia ficar por adquirir. Seria lógico, seria justíssimo. E, dando-se este ano, como se deu, a circunstância de coincidir a festa com a reaparição da peça de Bernstein «Samson», maior interesse deveria ainda produzir a representação. Porém, não há lógica, nem justiça que resista à indiferença criminosamente porque vem sendo tratado pelo público e pelos que se dizem mentores da sociedade portuguesa, tudo o que se relaciona com a arte.

Adelina viu a casa quase às moscas... E se para ela foi doloroso, para nós que a admiramos, também o foi deveras!

A grande actriz fazia o papel de Marquesa de Adelina. Compreendeu-o com o seu talento onídeo, deu-lhe realce, assumindo por vezes exactíssimas atitudes. Alves da Cunha deu ao personagem de «Jacques Brachard», um interesse, uma expressão humana admiráveis. E se o terceiro acto reportou o maior êxito de violência, o último condensou o sentimento que caracteriza a peça.

Neste acto Alves da Cunha esteve superior. Berta de Bivas num papel um pouco à margem das suas aptidões de comedianta, foi estudiosa, atingindo o melhor aspecto que a rubrica lhe indica no último acto, na scena final. Carlos de Oliveira foi um «Jérôme de Gonçalves» um tanto fatigado e só o seu merecimento lhe garantiu o êxito que ainda pôde alcançar. Sacramento sóbrio, Frívolo e distinto António de Melo. José Cardoso precipitado na dição. Maria Isabel um tanto desigual, com audácia pasmosa e seguros da impunidade, praticamente de verdadeira pirataria, pescando aquem linha sem respeito alguma e roubando-nos o peixe e aparelhos de pesca. Se ainda somos portugueses e nós é permitido protestar, aqui fica a nossa justa eativa reclamação. — A comissão: (a) Alfredo Simões, João da Conceição Júnior, Jesuíno Soares, Abel Sabino, José da Graça.

**Nogueira de BRITO**  
**No Gimnásio**

A festa de Fernandes Fão

Bela concorrência foi a da festa artística do maestro Fernandes Fão. Numerosa e selecionada. Teve o regente da Orquestra Portuguesa enzejo de ver como é reconhecido o trabalho, como são admiradas as suas qualidades de músico. A ovacão que lhe foi feita, quando a terminar o concerto, a orquestra executou a sua *Abertura Sinfônica* deve ter-lhe dado a medida de admiração que o público dos seus concertos sente por ele.

Foi o concerto de domingo, dos melhores que Fão nos tem oferecido. A protofona do *Roi d'Is* de Lalo, teve uma execução perfeita, cheia de sonoridade. Bastaria esta obra para pôr a prova a capacidade interpretativa dos executantes. João Passos, solo no violoncelo e no concerto de Leonardo Leo, entusiasmou o auditório. O poema sinfónico de Respighi, *Pini di Roma* é uma página de grande originalidade, do que há de mais moderno como sinfonismo descriptivo. A sucessão rítmica é dum poder de sugestão, dum verdadeiro de impressão encantador. Intervieram nesta execução D. Regina Cascais, Jaime Silva, Samo Ribeiro e Alfredo Mantua.

O concerto n.º 4 de Saint-Saëns, executado pela pianista D. Florinda Santos, causou sensação, pela forma brilhante, decidida e correctíssima como foi tocado. D. Florinda Santos que executou extra-programa, uma composição de Schumann, foi ruidosamente aplaudida.

E alguém! O concerto para violinos do seletor italiano Leonardo Leo teve uma interpretação bastante cuidada da parte de D. Regina Cascais, Fernando Cabral, Arthur Fão, Luis Barbosa, e Ivone Dupry.

A orquestra esteve, como se diz, nos seus dias mais felizes.



